

## **Conexões entre feminismo e exílio: as redes de sociabilidade entre mulheres chilenas**

Iasmin do Prado Gomes

Mestranda em História - UFOP

Iasmin.gomes@aluno.ufop.edu.br

### **Introdução**

O exílio é uma prática recorrente na América Latina desde épocas anteriores aos movimentos de independência. No período colonial, tal lógica foi usada contra os grupos que defenderam a expansão de fronteiras coloniais. Como salientado por Roniger “Todos os países da América Latina - apesar de trajetórias institucionais diferentes – incorporaram o exílio como uma prática importante”<sup>1</sup>. Em diversos momentos, o exílio ou desterro foi concebido como fenômeno “natural” na região; experiência comum aos que participaram da política latino-americana e que não necessitava de maiores significações teóricas. Cenário que mudou consideravelmente com a imposição de governos autoritários que utilizaram o ato como forma de punição para com os sujeitos considerados traidores da pátria.

Os processos de independência ocorridos na América Latina no século XIX possibilitaram que ao fenômeno do exílio fosse atribuído maior significado político, pois os novos ideais de nação, nacionalidade e direitos do cidadão permitiram que as experiências de deslocamento fossem estudadas a partir de múltiplos contextos políticos (YANKELEVICH, 2011). Porém, o desterro em massa e seu caráter internacional, assumido com as ditaduras militares da segunda metade do século XX, proporcionou brechas para que pesquisadoras e pesquisadores pensassem os seus diversos desdobramentos e o entendessem por meio de maior significação política, sobretudo no campo da História do Tempo Presente.

Neste artigo, o exílio será entendido como instrumento de exclusão de oponentes políticos utilizado pelos regimes de exceção. Estes usaram a prática como uma das diversas formas de tortura aplicadas pelos militares aos sujeitos considerados inimigos do Estado e foram por ele legitimadas através dos atos institucionais, da Operação Condor e tantos outros dispositivos de opressão construídos pelas ditaduras. Apesar de seu caráter

---

1

coletivo, a sua esfera individual também será investigada, visto que, o exílio perpassou as experiências e subjetividades de cada indivíduo de acordo com suas condições econômicas e socioculturais. Ao contrário, dos desterrados ocorridos durante os processos de independências, os ocasionados pelo autoritarismo vigente na América do Sul a partir da década de 1960, englobaram grupos de gênero, raça e classe distintas; questão que explica porque pesquisadoras e pesquisadores sobre a temática insistem em avaliar as práticas de desterro sob vários ângulos.

O desterro chileno, talvez o que mais comportou elementos populares, será objeto de análise do seguinte trabalho. O exílio no Chile foi caracterizado pela expulsão de sujeitos simpatizantes e atuantes no projeto político de Salvador Allende, denominado “Via Chilena para o Socialismo”. Foram exilados senadores, deputados, dirigentes partidários, sindicalistas, ativistas sociais, trabalhadores do campo e da cidade e diversas pessoas cujas trajetórias se relacionaram com tais grupos. Os sobreviventes da Unidade Popular viram seus projetos políticos e pessoais serem interrompidos pela ditadura de Pinochet e partiram para localidades como França, Canadá e Finlândia; estabelecendo redes de sociabilidade e solidariedade e, em muitos casos, prosseguindo com a militância iniciada no Chile. O socialismo de Allende consistiu em esperança para as esquerdas latino-americanas e recebeu apoio de setores comunistas e sociais democratas de outros continentes, o que possibilitou que exiladas e exilados recebessem asilo em diversas partes do globo (YANKELEVICH, 2011). Fato que proporcionou destacável visibilidade ao desterro chileno e lhe atribuiu um caráter massivo mas, ao mesmo tempo, complexo e individual.

As fontes quantitativas não nos permitem saber com exatidão qual foi o número de exiladas e exilados durante a ditadura militar. Estima-se que ocorreram entre 200.000 e 400.000 proibições de ingresso ao Chile durante o período de 1973 a 1987. Esses dados nos atentam para a heterogeneidade existente no desterro e a diversidade de histórias que podem ser escritas a partir de suas memórias individuais e coletivas. Neste trabalho, o exílio chileno será analisado por meio de uma perspectiva de gênero; buscando romper com a centralização do sujeito universal masculino existente na historiografia.

As exiladas de maior destaque na fonte analisada receberam asilo na França, local onde grande parte da intelectualidade latino-americana estava exilada, o que diz muito sobre o status político e socioeconômico que elas ocupavam na sociedade. Segundo García (2012), cerca de 41% da comunidade chilena exilada na França era composta por

mulheres. A informação nos permite refletir sobre o impacto das concepções de gênero em um contexto caracterizado por formação de redes de sociabilidade e intensa circulação de ideias.

Se homens e mulheres atravessaram experiências similares na situação de exílio, às vivências específicas próprias a cada gênero fazem com que seus membros atribuam um sentido diferente a esses processos comuns. Assim, não se pode restituir a complexidade do exílio sem analisar a maneira específica pela qual as mulheres o vivem, pois, ainda que ambos os gêneros partilhem de um mesmo imaginário social, o sentido que as mulheres lhe emprestam como grupo social é bastante diferente do dos homens (BRITO; VASQUEZ, 2007, p.16).

Analisar as vivências das exiladas e concebê-las como sujeitos históricos significa resgatar estes dados e tecer problematizações que entendam seus impactos historiográficos e sociais. As reivindicações por narrativas que contemplem mulheres, realizadas pelas intelectuais que serão aqui abordadas, é reflexo de todo um social que carece de pesquisas de gênero e escritas de histórias silenciadas pela centralização do sujeito histórico no indivíduo cis, masculino, branco e heterossexual. É digno de nota, que a seguinte pesquisa se encontra em fase inicial, ou seja, apresenta limitações que serão exploradas em trabalhos futuros.

### **Feminismo e Igreja Católica**

O golpe de 11 de setembro de 1973, possibilitou mecanismos para que organizações feministas chilenas surgissem reivindicando democracia e autonomia para as mulheres nos âmbitos público e privado. O movimento feminista chileno eclodiu, dando fim ao que autoras nomearam como “Silêncio Feminista”. Para Kirkwood (1990), o último teve início após a conquista do voto feminino em 1949 quando houve o declínio da participação feminina em organizações sociais e políticas e findou-se em 1973 com a instauração da ditadura militar. Na década de 1980, o slogan “Democracia no país e em casa” se fez presente entre os movimentos liderados por mulheres que denunciaram as violações aos direitos humanos cometidas por Augusto Pinochet e o patriarcado que estabelecia papéis de gênero nas esferas públicas e privadas (KIRKWOOD, 1990; SEPÚLVEDA, 2013).

Em 1979, foi criada a primeira instituição feminista chilena, o Círculo de Estudos da Mulher, associado à Academia de Humanismo Cristão. A última, foi fundada pela Igreja Católica durante a ditadura militar com o objetivo de subsidiar estudos acadêmicos censurados pelos militares e relacionados às ciências sociais. A maioria do Círculo era

composto por mulheres acadêmicas que tiveram seus trabalhos perseguidos pelos órgãos de censura (MARQUES, 2011). Na teoria, a organização era responsável por um pluralismo epistêmico que englobava diversos sujeitos históricos. No entanto, ocorreram tensões entre os membros desses grupos, no que diz respeito à, assuntos como direitos reprodutivos e divórcio, temas caros para a sociedade da época; o que foi determinante para que a Academia de Humanismo parasse de financiar o Círculo em 1983.

Para entender a aproximação entre duas entidades distintas e, em inúmeros aspectos, divergentes, deve-se considerar ambas como temporais e mutáveis. A década de 1960, propiciou espaço para difusão da Teologia da Libertação que permitiu que ideais de esquerda agissem em concomitância com o catolicismo na denúncia de desigualdades sociais vivenciadas por países do Terceiro Mundo. A Teologia da Libertação somada ao clima de efervescência social e política fez com que sacerdotes se comprometessem com a transformação da sociedade, proporcionando releitura do evangelho e novas maneiras de interpretar as escrituras eclesiásticas.

No contexto entre feminismo, catolicismo e ditadura militar encontramos o semanário *Mensaje*. A revista foi fundada em 1951 pelo jesuíta Padre Hurtado e circula no Chile até os dias atuais. Estão entre as finalidades do impresso “(...) orientar al lector mediante una perspectiva cristiana de la realidad (nacional y mundial), ayudándole a formar un juicio informado, fundado y maduro sobre los temas debatidos en la sociedad. En otras palabras, contribuir a la formación de una conciencia capaz de discernir”<sup>2</sup>.

A revista foi publicada pelo Centro Bellarmino, fundado por Hernán Larraín Acuña, diretor e maior editorialista do impresso de 1959 a 1974, o ano de sua morte. Larraín era padre e membro da Companhia de Jesus, organização da qual Padre Hurtado também fez parte. *Mensaje* apoiou o Primeiro Encontro dos Cristãos pelo Socialismo (CPS) que ocorreu em Santiago antes do golpe militar, o evento defendia a luta de classes como compromisso cristão, fato que evidencia que o semanário manteve laços com teorias socialistas. Ao que tudo indica, não foi fechado durante a ditadura militar, o que diz muito sobre os indivíduos envolvidos em sua criação e circulação: personagens de grande influência dentro da Igreja Católica, talvez a única instituição com poder suficiente para confrontar a estrutura militar que sustentou o governo de Augusto Pinochet. Sua edição de outubro de 1973 sofreu atrasos devido à conjuntura política chilena e as de novembro e dezembro foram unidas em um só volume, fazendo com que a revista fosse

publicada mensal e bimestralmente. Ao longo do recorte temporal aqui abordado, contou com seções sobre cinema, teatro, literatura e sociedade e as utilizou de maneira cristã e política, relacionando-as ao contexto nacional e internacional.

Segundo Beigel (2003), os semanários latino-americanos da época buscaram expressar-se e adaptar-se às divergentes realidades sociais da região, salientando a multiplicidade de povos. Outro objetivo consistia em propor a conscientização política para amplos setores sociais. É inegável que parte considerável dos impressos assumiram tradição socialista, principalmente com a Revolução Cubana em curso e a forte onda autoritarista alastrada pelo continente americano. Publicações sobre exílio, tortura e luta armada estiveram penetradas nesses âmbitos e manifestaram-se em *Mensaje* que, assim como outros impressos, é produto de seu tempo/espço e carrega concepções nele inseridas.

### **Feminismo e exílio em *Mensaje***

- **Movimento Feminista**

Entre 1973 e anos iniciais de 1980, foi praticamente nula em *Mensaje* a abordagem de temáticas femininas que fugissem do ideal de mulher católica fomentado pelas escrituras sagradas; o próprio movimento feminista ainda não discutia tais questões com afinco. Em textos datados dos anos finais da década de 1970, *Mensaje* concebeu a mulher como delicada e detentora da fé. A maternidade, por exemplo, foi associada a uma experiência feminina única e importante para a vocação religiosa. Afinal, cabia ao gênero feminino cuidar dos filhos e através de seu conhecimento amoroso, lhes propagar os ensinamentos de Deus. Em um escrito intitulado *La mujer y la fe* de Guillermo Marshall, foi ressaltada a necessidade da figura feminina transmitir a fé para a sua família, pois “(...) la religion es cosa de mujeres”.<sup>3</sup> De qual mulher *Mensaje* falou? Ao que tudo indica, o semanário cultuou o padrão de mulher cis branca, dona de casa e católica, excluindo do modelo fomentado as que não se enquadravam ao perfil.

Observa-se que o ideal em questão continuou a ser reproduzido mesmo após a fundação do Círculo de Estudos da Mulher (1979). Ou seja, para determinados setores da revista, por mais que as mulheres publicassem na Academia de Humanismo Cristão e se

---

3

organizassem em movimentos pela democracia e autonomia no público e no privado, o modelo de família tradicional não poderia ser destruído. O papel da mulher frente à família e a fé católica precisava ser mantido e Maria consistia em essencial instrumento de justificativa para a manutenção do mesmo. A última era concebida como modelo a ser seguido pelas demais mulheres, fato que contrariou as pautas das organizações feministas.

É importante ter em mente que o movimento feminista chileno foi dividido em três fases: nos anos iniciais destacou a defesa da vida e a busca por justiça para com indivíduos que tiveram direitos humanos violados. Entre fins da década de 1970 e início da de 1980 surgiram os primeiros grupos feministas e encontros de mulheres da América Latina e do Caribe, fase caracterizada por início de problematizações exclusivamente femininas. Já entre 1982 e 1986, realizou forte mobilização contra a ditadura, ampliou o contato com o feminismo latino-americano e contou com grandes coordenadoras de grupos de mulheres. No fim da década, a preocupação com a inserção feminina na democracia fez-se presente (SEPÚLVEDA, 2013) e também foi externada nos escritos das agentes que atuaram no semanário.

A partir de 1980, as feministas chilenas alcançaram espaço considerável em *Mensaje*, provavelmente por causa da aproximação com a Igreja Católica e a importância que assumiram frente à luta nacional e internacional pela democracia no país e em casa. Ocorreram debates sobre a vocação política das mulheres e formas de organização em partidos políticos. *Concertarse para tener una voz en política nacional* da exilada Josefina Rossetti (1989) e *Sobre la vocación política de las mujeres* de Mariana Aylwin (1990), ilustraram bem a situação ao reconhecerem que a categoria mulher era abrangente e pensarem qual seria sua institucionalização no governo democrático e a integração da mulher chilena na vida política, respectivamente.

Reconhecer que a opressão se localizava em estruturas públicas e privadas, consistia em discutir se o feminismo deveria seguir como movimento autônomo ou aliado aos partidos políticos. Julieta Kirkwood, precursora da segunda onda do feminismo chileno, afirmou que “No hay feminismo, sin democracia”. Patricia Verdugo (1986) em *Mujeres en movimiento*, destacou que não existiria uma sociedade democrática sem a democratização da condição de mulher e mostrou como dicotomias entre feminismo e política deveriam romper-se, fazendo com que sujeitas políticas e feministas entrassem em acordos. Afinal, o movimento não era divisão.

De acordo com Torres, assim como outros movimentos de mulheres na América Latina, “las chilenas organizadas buscan crear sus propios médios de expresión, formando parte de lo que se llamó la “corriente alternativa en comunicación” . Segundo a autora, as publicações das mulheres oscilam entre dois pólos: os temas políticos e os feministas: “las mujeres de las organizaciones editoras de estos boletines o revistas son confrontadas al autoritarismo político y al autoritarismo de la sociedad chilena, dos elementos cotidianos bajo el régimen militar (WOITOWICZP; PEDRO, 2009, p.50).

O texto de Verdugo (1986), exemplificou perfeitamente a segunda fase do feminismo chileno. Nota-se a sua preocupação com a conciliação entre assuntos feministas e políticos; também é característica de seus escritos a necessidade de analisar dados e citar mulheres envolvidas em organizações e produções acadêmicas que abordaram as experiências de sujeitas distintas. *La otra mitad de Chile* de Angélica Meza, por exemplo, citado pela autora, contou com a entrevista de várias mulheres, incluindo Isabel Allende, Julieta Kirkwood e Ana Vásquez. A obra discutiu o autoritarismo patriarcal que imperou no Chile e oprimiu todos os gêneros, ressaltando como a luta feminina era importante para todo um coletivo. As professoras, sociólogas, filósofas e demais intelectuais envolvidas nessa mobilização atuaram na escrita de uma História das Mulheres no Chile através da leitura, discussão e divulgação de produções protagonizadas por si e outras mulheres; estabelecendo redes de sociabilidade e trocas de saberes e afetos que transcenderam barreiras geográficas e consistiram em resistência nos cenários nacional e internacional.

Julieta Kirkwood, foi a líder intelectual desse movimento, a cientista política e socióloga publicou trabalhos que constituem um valioso referencial teórico do pensamento feminista chileno e latino-americano. Entre suas obras temos: *Ser política no Chile: as feministas e os partidos* (1986), *Feminários* (1987) e *Tecendo Rebeldias: escritos feministas de Julieta Kirkwood* (1987). A autora, atuou na construção de organizações feministas e trabalhou em prol do desenvolvimento de um programa de docência feminista, junto ao Círculo de Estudos da Mulher. No texto de Verdugo, foi concebida como liderança intelectual feminista mesmo após a sua morte em 1985.

Para Francesca Gargallo (2010), Kirkwood, é uma das referências da teoria feminista no continente americano por sua originalidade e influência exercida sobre o pensamento feminista de *Nuestra América*. A filósofa também afirmou que intelectuais como Urania Ungo do Panamá e Dora Barrancos da Argentina têm se apoiado na



produção teórica da autora “*como un paradigma de la resistencia política feminista a las dictaduras y al patriarcado en América Latina*”<sup>4</sup>

O próprio Círculo de Estudos da Mulher tinha como objetivo escrever a História das Mulheres no Chile, começou com um pequeno grupo que se juntava para discutir experiências femininas e alcançou proporções maiores com o passar do tempo. “Un segundo objetivo fue promover la concienciación de las mujeres sobre su situación de género y por ello mismo, realizaron talleres de autoconocimiento y de identidad. Para las mujeres del Círculo – y haciéndose de la consigna de Beauvoir – “se aprendía a ser mujer” (SEPÚLVEDA, 2013, p.110). Julieta Kirkwood e Teresa Váldez, outra grande referência do feminismo chileno, estavam conectadas com os nomes citados no parágrafo anterior e suas produções. Ambas foram citadas e/ou escreveram para *Mensaje*, é inegável que a revista corroborou para a divulgação dos trabalhos dessas mulheres e das associações às quais pertenciam. Kirkwood e Váldez tiveram contato com ideias do exterior, seja através das retornadas do exílio ou dos Encontros Feministas Latino-americanos e do Caribe e tal fato, refletiu no papel que desempenharam no conteúdo materializado no semanário.

É interessante ressaltar que, *Carta apostólica “Mulieris dignitatem”* de Beatriz Toha (1989) apontou novidades no discurso da Igreja sobre as mulheres e atentou para uma possível releitura das mesmas nas escrituras. Fato que reforça que as discussões sobre gênero envolveram amplos setores da sociedade chilena e não apenas sujeitas autodeclaradas feministas. A partir de 1990, com o início do processo de redemocratização, as feministas atuaram em *Mensaje* por meio de debates sobre a emancipação feminina frente ao sistema democrático, analisando suas demandas políticas e educacionais. Outro fato importante apareceu: a necessidade de tornar o feminismo acessível a mulheres de diversas camadas sociais. Porém, a discussão ultrapassa os limites teóricos e temporais deste trabalho.

- **O texto da exilada, Ana Vasquez**

De acordo com o material coletado até o momento, *Mensaje* se pronunciou contra o aparato militar e usou de leituras eclesiais para justificar o posicionamento. Em textos sobre o exílio, por exemplo, salientou que o menino Jesus era um desterrado, assim como os exilados políticos chilenos. A expatriação forçada foi concebida como destruidora de famílias e ensinamentos de Deus. Nota-se que o exílio era entendido como

---

4



experiência masculina e as exiladas foram retratadas, em alguns textos, como a esposa que foi para outra pátria acompanhar o marido e/ou os filhos. O que não foi uma regra, visto que, o corpo editorial do semanário não era homogêneo e contava com exiladas e exilados de realidades distintas.

Um deles já mapeado é o escritor Jorge Edwards que publicou diversos textos sobre literatura, poesia, novela, história e o próprio exílio. Edwards foi educado em um colégio de jesuítas, onde foi aluno de Padre Hurtado, o que explica um pouco de sua relação com a revista. Exilou-se em Barcelona e foi um dos fundadores do *Comité de Defensa de la Libertad de Expresión*, fato que justifica seu posicionamento sobre a censura no texto *La doble censura* datado de 1981.

Neste tópico, destacamos o texto da exilada, Ana Vasquez, *Mujeres en el exilio: la percepción del exilio en las mujeres exiliadas en Francia*, que é a publicação mais questionadora sobre o exílio feminino encontrada no impresso, está presente na seção denominada “sociedade” e contém sete páginas. Na primeira parte, a autora - exilada chilena na França e socióloga com estudos na área de psicossociologia - escreveu sobre o marco teórico que engloba o exílio e suas características gerais que, a priori, são similares a ambos os gêneros. Já na segunda, se atentou às questões específicas de gênero dentro da complexa estrutura que envolveu exiladas e exilados - partidos políticos, família, trabalho, sociabilização, etc.

Vasquez (1982), observou o desterro a partir de especificidades próprias dos sujeitos e particularidades dos contextos em que estavam inseridos. Pois, as conjunturas políticas de Chile e França, por si só, não eram capazes de sustentar uma análise psicológica do fenômeno em pauta. Segundo a intelectual, no estágio inicial do exílio, existe maior uniformidade entre experiências de mulheres e homens justamente por causa da transculturação; processo em que o sujeito exilado aprende a língua do país receptor e outros novos costumes. A transculturação é dolorosa e envolve contradição entre a cultura de origem e a que o agente está submetido.

A definição por ela utilizada para o termo “exílio” foi como o ato de expulsão do país de origem e a proibição do retorno, associado a imposição violenta. A autora destacou o caráter político do fenômeno ao explicitar que 10% da população chilena encontrava-se no desterro e afirmar que “El exilio de los chilenos, al igual que el exilio de todo el Cono Sur, puede ser considerado como un exilio de militantes, o exilio de

personas que, de una otra manera, han hecho deliberadamente una opción política y han participado en un proceso político-social”<sup>5</sup>. Tal significação é recorrente em estudos sobre os exílios latino-americanos da segunda metade do século XX devido aos movimentos autoritários particulares do continente americano. Nesse cenário, a exclusão foi conveniente com as regras do jogo político determinadas pelo aparato militar em vigor.

Quanto à causalidade, sendo um mecanismo de perseguição política que não aniquila de forma total a oposição, o exílio fala - em termos gramscianos - de um modelo autoritário da política e da hegemonia, com independência da definição formal do sistema político. Estes padrões da política se baseiam na exclusão e são o resultado de um compromisso entre uma situação em que o ganhador do jogo político leva todo o poder e os perigos de uma luta de morte (de “soma zero”) no jogo ampliado de uma possível ou efetiva guerra civil (RONIGER, 2011, p.53).

Além de enfatizar o significado teórico dos destierros latino-americanos no contexto das ditaduras militares, Vasquez (1982), por meio da psicologia, ressaltou que o rompimento com elos afetivos e culturais esculpem a identidade do indivíduo exilado. O anonimato ao chegar ao país receptor e o processo de adaptação à uma nova realidade envolvem processos psicológicos abstrusos que ela explicou em três fases, ambas comuns aos gêneros: a promessa do retorno, a solidariedade entre a comunidade exilada e a desqualificação profissional. O exílio chinelo, no geral, era composto por professores, intelectuais e sindicalistas que foram obrigados a vender sua mão de obra por salários inferiores aos recebidos no Chile. Alguns exerceram funções que nem sequer correspondiam à sua formação profissional justamente por causa da criminalização do sujeito exilado.

A autora também argumentou que, determinadas assimetrias entre mulheres e homens manifestam-se logo no primeiro estágio do exílio porque mulheres lidam com a perda da família de forma específica, visto que, a noção ampla de família latino-americana outorga ao gênero feminino responsabilidades para com o cuidado com marido, filhos e tarefas correspondentes a vida privada. Problemática que percorre as ações realizadas pela comunidade exilada. Enfatizamos que o conceito de família tradicional e católica, concretiza-se na narrativa de *Mensaje*. Nota-se que a condição de destierro foi concebida pela revista como fenômeno destruidor de famílias tradicionais e que a maior parte dos

escritos sobre a temática privilegiaram experiências masculinas, assim como grande parte da historiografia sobre o exílio.

No geral, o texto alvo desta investigação, respaldou a heterogeneidade existente no desterro, principalmente, no que tange às, experiências femininas no país receptor (França). Vasquez (1982), salientou que a “transculturação” e todos os complexos processos psicológicos experienciados no exílio, propiciaram às exiladas confrontos com costumes conservadores impostos pelos espaços que estavam inseridas no país de origem. O material, evidencia como exiladas reformularam costumes e conceitos lhes impostos pela conjuntura social a qual viviam no Chile e como o contato com realidades múltiplas lhes possibilitaram entendê-los como construções sociais amparadas pelo sistema patriarcal que delegou o feminino ao espaço privado. Porém, é importante destacar que este cenário não correspondia a todas as práticas femininas possíveis no desterro e que nem as agentes do escrito de Vasquez (1982) vivenciaram a desconstrução logo de imediato.

Muitas militantes políticas dizem que o período de exílio significou “retroceder dez anos em minha vida”, na medida em que tiveram de reproduzir antigos padrões de comportamento dos quais pensavam ter-se livrado definitivamente. A reação instintiva das mulheres diante da sociedade de recepção é repetir os valores da sociedade de origem: elas valorizam a estrutura familiar, aceitam que seu trabalho receba um papel secundário e seja sempre avaliado como uma atividade coadjuvante, e minoram seus projetos pessoais em benefício dos projetos familiares. Algumas mulheres casadas mantêm o status de subordinação a que estavam acostumadas (BRITO; VASQUEZ, 2007, pp.22-23).

A pesquisadora salientou que, mesmo com a incorporação de exiladas ao mercado de trabalho e inversão de costumes tradicionais, os papéis de gênero permaneceram no exílio. Mulheres militantes, por exemplo, lidaram com tripla jornada - atuaram em emprego remunerado, em casa e nas instituições políticas. Sem contar, o desprestígio sofrido dentro dos próprios partidos de esquerda, seus companheiros afirmavam que o feminismo não estava diretamente relacionado ao propósito maior - a Revolução Socialista - colocando-o como pauta subalterna deslocada do político.

Explorar qual foi a recepção do texto de Vasquez e de outras exiladas pelos leitores da revista não se encontra entre os objetivos desta comunicação. Pretende-se refletir sobre as questões apontadas por estas mulheres no que dizia respeito ao gênero e à luta contra a ditadura militar, seja ela realizada no desterro ou não. O posicionamento da exilada evidencia que o corpo editorial de *Mensaje* era múltiplo e apresentava ideias

que nem sempre convergiam entre si, afinal, o contexto era caracterizado por grande circulação de informações, redes de sociabilidade e formação de grupos políticos. Vale ressaltar que, o escrito de Vasquez foi, até o momento, o mais longo dentre todos os publicados sobre o exílio, fato que nos permite pensar qual era a influência da autora dentro do corpo editorial do semanário e sua relação com a comunidade exilada não só na França, mas em outros países. O caráter transnacional do exílio permitiu que Vasquez e outras exiladas consumissem conteúdos e produções da intelectualidade que se encontrava em Paris, a capital dos exílios latino-americanos, e se inserissem nos espaços por ela frequentados, corroborando para trocas de experiências e teorias.

- **Redes de sociabilidade**

Entenderemos por redes de sociabilidade as formas de relações sociais desenvolvidas por mulheres chilenas tanto no exílio quanto no país de origem. O contato entre diversas sujeitas que encontraram no feminismo e na luta contra a ditadura militar um projeto coletivo, possibilitou a troca de experiências e informações através de encontros, seminários, grupos de leitura e organizações partidárias. Essa socialização, proporcionou mecanismos para que as intelectuais e militantes aqui destacadas estabelecessem uma rede intelectual entre mulheres que, de alguma forma, corroboraram para a escrita da História das Mulheres no Chile. As redes intelectuais foram muito presentes nos exílios chilenos e latino-americanos e atuaram de maneira destacável na denúncia das violações aos direitos humanos cometidas pela Junta Militar de Augusto Pinochet.

Através de encontros culturais, dos congressos acadêmicos, da fundação de editoras, da criação de selos musicais e de rádios, e da publicação de revistas, além da atuação dos tradicionais e combativos partidos políticos de esquerda, a intelectualidade chilena exilada consolidou a formação de redes tramadas com laços muito bem fortalecidos, o que contribuiu para robustecer a resistência ao governo de Augusto Pinochet. O sentido de formação de redes no exílio chileno consistiu não somente em “ayudarse y reforzar una identidad, sino para denunciar lo que ocurría en Chile”, afirmou a historiadora e antropóloga chilena Loretto Rebolledo González (NETO, 2017, p.226).

Josefina Rossetti – provavelmente a socióloga chilena de maior atuação em *Mensaje*, foram cinco textos publicados nas seções intituladas “sociedade” e “fatos e comentários” - exilou-se na França e consagrou-se doutora pela Universidade de Paris. Seu marido, o compositor Vittorio Cintolesi, partiu para o desterro em Paris poucos meses depois do golpe e lá permaneceu até 1981. Provavelmente, o casal foi para o país de acolhida em datas próximas. Rossetti foi uma das editoras da obra *Patricio Cariola*

*Barroilhet: jesuíta inovador en educación y creador de consensos*, publicada com apoio do Centro de Investigación e Desenvolvimento da Educação (CIDE) e da Universidade Alberto Hurtado. Ambas as instituições estiveram envolvidas com a publicação de seu texto *Educación y subordinación de las mujeres*, disponível no repositório da Universidade Alberto Hurtado.

A universidade citada recebe o nome do jesuíta Padre Hurtado, criador de *Mensaje* e grande personagem da Igreja Católica Chilena. As fontes primárias desta pesquisa estão digitalizadas no repositório da instituição, assim como um estudo de Josefina Rossetti e Patricio Cariola sobre a inserção de exilados no mercado de trabalho e o retorno ao país de origem. Este foi divulgado em *Mensaje* por meio de um texto de autoria da intelectual em 1986: *El problema del retorno*. Um dos poucos escritos sobre o exílio da revista que foram desenvolvidos por uma figura feminina.

A socióloga, também escreveu textos para o impresso sobre as ações do movimento feminista chileno, entre eles, *La Concertación Nacional de Mujeres por la Democracia* de 1989. O título faz menção à organização, cujo objetivo era lutar pela participação de mulheres no processo de abertura democrática e contou com o apoio de María Elena Carrera, presidenta das mulheres da Unidade Popular em 1971, exilada no início da ditadura militar e também presidenta do grupo *Mujeres chilenas en el exilio* com sede em 35 países. Ao verem seus projetos pessoais e coletivos interrompidos pelas ditaduras militares, muitas exiladas teceram novas redes de sociabilidade e construíram grupos que lutaram pela democratização da condição da mulher e da política chilena. Rossetti é uma delas, os dados dos parágrafos anteriores nos permitem refletir sobre as formas de sociabilização em que a intelectual esteve inserida e como as suas produções são um reflexo delas. A exilada contou com o apoio de órgãos eclesiais e educacionais para a publicação de seus trabalhos, sendo *Mensaje* um deles. A investigação realizada indica que sua trajetória conecta exílio, feminismo e catolicismo por meio de redes de sociabilidade que perpassaram o corpo editorial do impresso aqui estudado.

Em 1988, foi publicado na seção “literatura” da revista um texto da escritora Agata Gligo sobre a literatura no exílio. A autora, chamou a atenção para o fato de que as obras literárias sobre o golpe de 11 de setembro de 1973, lançadas no Chile, receberam maior prestígio do que as desenvolvidas no exílio, concebidas pelo público como nostálgicas e subalternas. Para questionar essas características atribuídas pelo leitor chileno às produções em questão utilizou o romance de Ana Vasquez, *Los Búfalos, los Jerarcas y*

*la Huesera*, publicado em francês e escrito em castelhano. O livro de ficção, narra o contexto após a instauração da ditadura militar e o cotidiano da comunidade exilada, marcado por embaixadas e um futuro desconhecido. A história não contém um protagonista e cada uma das personagens é portadora de um drama individual, provavelmente uma tentativa de Vasquez (1977) de salientar o caráter coletivo do desterro chileno, mas também os vários “exílios” dentro da totalidade do corpo social exilado.

Em outro texto do mesmo ano, Agata Gligo, escreveu sobre a importância do surgimento de vozes femininas na década de 1980 no Chile e como essas foram transgressoras da ordem estipulada pela mentalidade masculina. Para sustentar seu argumento, reproduziu trechos escritos por poetisas mulheres e citou escritoras que participaram do movimento de subversão. Nos dois escritos, observa-se a necessidade de Gligo de nomear autoras e citar as suas obras como forma de proporcionar visibilidade às produções protagonizadas por mulheres chilenas, característica que também se manifestou em outros artigos de autoria feminina materializados em *Mensaje*.

Vale ressaltar que, assim como Josefina Rossetti, Ana Vasquez, estabeleceu redes de sociabilidade que conectaram exílio, feminismo e catolicismo e ultrapassaram teorias e as páginas impressas do semanário. O que nos permite salientar, mais uma vez, a complexidade por trás das múltiplas conexões realizadas por essas sujeitas.

Angelina Vasquez, cineasta chilena exilada na Finlândia, foi citada em *Mensaje* no texto intitulado *Cine chileno en el exilio* de autoria de Lorenzo Vilches, ao lado de cineastas como Patricio Guzmán e Miguel Littin, não recebendo o mesmo destaque que eles. Vasquez (1980), dirigiu *Gracias a la vida*, longa-metragem que contou a história de Silvia, exilada chilena na Finlândia que enfrentou as dificuldades impostas por idioma, maternidade, tortura e traumas característicos do desterro. O cinema chileno no exílio foi marcado por produções que denunciaram as ditaduras militares na América Latina para a comunidade internacional e a obra de Vasquez (1980), se destacou por abordar a temática a partir da perspectiva de gênero. O sobrenome de Angelina nos permite supor que ela e Ana Vasquez possuíam algum grau de parentesco. Já o espaço-tempo em que estavam inseridas e o conteúdo de suas obras, nos possibilitam indagar se as trajetórias de ambas se cruzaram em algum momento. Não parece errôneo dizer que tanto a socióloga quanto a cineasta atuaram na construção de projetos políticos semelhantes aos de outras mulheres aqui destacadas.

## Considerações Finais

Nota-se que as trajetórias das sujeitas abordadas neste trabalho, somam-se às histórias sobre os exílios políticos na América Latina e corroboram para o rompimento com a “História Única” que privilegia a universalidade do indivíduo histórico masculino. Ana Vasquez, Josefina Rossetti, Julieta Kirkwood e tantas outras mulheres nos permitem refletir sobre as conexões entre exílio, feminismo e catolicismo presentes em redes de sociabilidade que transcenderam os exemplares de *Mensaje* e demais ferramentas impressas em que atuaram. É válido destacar que ambas estavam inseridas em um contexto onde a teoria e prática cotidiana eram instrumentos valiosos para se pensar a materialidade histórica, escrever a História das Mulheres no Chile era importante, mas também era necessário materializá-la na militância em organizações feministas e partidos políticos. No seguinte trabalho, suas trajetórias como intelectuais foram investigadas, o que não significa que suas vivências foram restritas apenas à essa esfera. Questão que evidencia a complexidade das histórias que perpassam os desterros chileno e latino-americano.

## NOTAS DE FIM

IRONIGER, Luis. *Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios*. In: QUADRAT, Samantha (org.). *Caminhos cruzados: História e Memória dos Exílios Latino-Americanos no século XX*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2011, p.32.

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.mensaje.cl/sobre-nosotros/>, acesso em 4 de setembro de 2019.

<sup>3</sup> MARSHALL, Guillermo. *La mujer y la fe*, Mensaje.

<sup>4</sup> AQUEA, Cherie. *Marxismo y feminismo – Julieta Kirkwood, una socióloga intrusa en la filosofía chilena a las puertas de integrar el canon de la Filosofía de Liberación Latinoamericana*. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 24, núm. 85, pp. 164-177, 2019. Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/279/27961112009/html/index.html>.

<sup>5</sup> VASQUEZ, Ana. *Mujeres en el exilio: la percepción del exilio de las mujeres exiliadas en Francia*. *Mensaje*, n.314, nov. 1982, p.619.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUEA, Cherie. *Marxismo y feminismo – Julieta Kirkwood, una socióloga intrusa en la filosofía chilena a las puertas de integrar el canon de la Filosofía de Liberación*



*Latinoamericana*. Utopía y Praxis Latinoamericana, vol. 24, núm. 85, pp. 164-177, 2019.

Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/279/27961112009/html/index.html>.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana* / Año 8. Nº 20, 2003, pp. 105-115.

BRITO, Ângela; VASQUEZ, Ana. *Mulheres latino-americanas no exílio. Universalidade e especificidade de suas experiências*. Esboços: histórias em contextos globais, Florianópolis - SC - Brasil, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/1208>.

COELHO NETO, Raphael. *A formação de redes intelectuais no exílio e a resistência à ditadura pinochetista*. In: Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas *Literatura Chilena e Araucaria de Chile (1977-1989)*. Rio de Janeiro, Editora Multifoco, 2017, pp.225-247.

GARCÍA, Marcela. *Itinerarios militantes, profesionales y familiares de exiliadas chilenas em Francia: un análisis en términos de relaciones sociales*. La Plata, 26, 27 e 28 de setembro de 2012. Disponível em <http://jornadasexilios.fahce.unlp.edu.ar>.

KALLÁS, Ana Lima. Religião e Política na América Latina: A Igreja Católica e o governo de Salvador Allende (1970-1973). *Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campinas, 2006, pp. 1-11. Disponível em [anphlac.fflch.usp.br > vii-encontro](http://anphlac.fflch.usp.br/vii-encontro).

KIRKWOOD, Julieta. *Ser política em Chile: Los nudos de la sabiduría feminista*, 2.ed, Santiago, Cuarto Proprio, 1990.

LARGO, Eliana. *50 anos de feminismo no Chile: texto e contexto*. 50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos. Ed.1, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2017, pp.99-135.

MARQUES, Gabriela. *As feministas na Igreja Católica: uma análise do Circulo de Estudios de la Mujer na Academia de Humanismo Cristiano do Chile (1979-1983)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011, pp.1-15. Disponível em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300857132\\_ARQUIVO\\_GabrielaMirandaMarquesST56.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300857132_ARQUIVO_GabrielaMirandaMarquesST56.pdf)

PEDRO, Joana. *Traduzindo o debate: o uso de categoria gênero na pesquisa histórica*. História, São Paulo, v.24, N.1, P.78, 2005.

REBOLLEDO, Loredo. *Mujeres exiliadas: con Chile en la memoria*. CEME – Centro de Estudios Miguel Enríquez – Archivo Chile, 2005. Disponível em <http://www.archivo-chile.com/>.

REIS, M. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*. Tese de Doutorado, 2012.

RONIGER, Luis. *Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios*. In: QUADRAT, Samantha (org.). *Caminhos cruzados: História e Memória dos Exílios Latino-Americanos no século XX*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2011, pp.31-61.

SEPÚLVEDA, Vanessa. *Democracia en el país y en la casa. Reflexión y activismo feminista durante la ditadura de Pinochet (1973-1990)*. Cuadernos Kóre. Revista de historia y pensamiento de género N° 8 (Primavera-Verano 2013), p. 96-117. Disponível em [www.uc3m.es/cuadernoskore](http://www.uc3m.es/cuadernoskore).

SILVA, Belén. *Mujeres chilenas exiliadas en Grenoble, Francia: Tensionando compresiones del exilio y la nostalgia*. Cadernos de Psicologia, v.21, n.3, 2019.

WOITOWICZ, K. PEDRO. J. *O Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo*. Ano X, n. 21, 2º. Semestre, 2009, pp. 43-55.

YANKELEVICH, Pablo. *Estudar o exílio*. In: QUADRAT, Samantha (org.). *Caminhos cruzados: História e Memória dos Exílios Latino-Americanos no século XX*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2011, pp.11-30.

## FONTES

CARIOLA, P. ROSSETTI, J. *Inserción laboral para el retorno: El caso de los exiliados chilenos*, CIDE, 1984. Disponível em <https://repositorio.uahurtado.cl/handle/11242/10520>.

Documentos sobre a exilada, Ana Vasquez, digitalizados pela Biblioteca Nacional Digital do Chile, disponível em <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-propertyvalue-671695.html>

Exemplares de *Mensaje* durante o período de 1973 a 1990. Disponible em <http://repositorio.uahurtado.cl/>.

ROSSETTI, Josefina. *Educación y subordinación de las mujeres* CIDE, 1989. Disponible em <https://repositorio.uahurtado.cl/handle/11242/9456>.

## SITES E REPOSITÓRIOS

Currículo de Josefina Rossetti. Disponible em <https://www.linkedin.com/in/josefina-rossetti-cintolesi/>.

Gracias a la vida (o la pequeña historia de una mujer maltratada). Centro Cultural La Moneda. Disponible em <https://www.cclm.cl/cineteca-online/gracias-a-la-vida-o-la-pequena-historia-de-una-mujer-maltratada/>.

María Elena Carrera Villavicencio : resenas biografias parlamentares. Biblioteca do Congresso Nacional do Chile I História Política. Disponible em [https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas\\_parlamentarias/wiki/Mar%C3%ADa\\_Elena\\_Carrera\\_Villavicencio](https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas_parlamentarias/wiki/Mar%C3%ADa_Elena_Carrera_Villavicencio).

Vittorio Cintolesi Ruz. Archivo da Música e do Teatro Chileno. Disponible em <http://www.musicateatral.cl/vittorio-cintolesi-ruz/>.